

Dívida: Europa quer

Externa

SÁBADO — 12 DE DEZEMBRO DE 1987

apressar solução

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

PARIS — Os meios financeiros europeus estão se impacientando com a demora no processo de negociação da dívida brasileira responsabilizando principalmente os bancos norte-americanos, majoritariamente representados no comitê de credores. Eles afirmam que essa situação não pode mais perdurar pois, hoje em dia, 50% da dívida brasileira é devida aos bancos europeus e apenas 33% aos norte-americanos.

Essas afirmações foram feitas por banqueiros privados e representantes de áreas financeiras governamentais ao ministro Celso Furtado, da Cultura, que se encontra em Paris presidindo uma série de manifestações inseridas no programa "Anos França — Brasil".

Segundo o economista brasileiro, que mantém grande audiência na França, onde lecionou durante muitos anos, um dos subprodutos da crise das Bolsas é o surgimento de novas dificuldades para se encontrar uma fórmula que possa desbloquear a negociação da dívida brasileira.

As áreas financeiras contatadas por Furtado estão também convencidas de que só medidas estruturais na economia norte-americana poderão reduzir a pressão que o Tesouro dos EUA exerce no mercado monetário e financeiro mundial. "Só assim — disse o ministro — estaremos a salvo de taxas de juros elevados que agravam o problema da dívida". Celso Furtado considera que os EUA precisam modificar sua regulamentação bancária para que os bancos possam in-

corporar a depreciação de seus ativos, já reconhecida pelo mercado. Segundo ele, os bancos europeus estão dispostos a caminhar nessa direção, desde que haja um sinal verde dos EUA.

Furtado disse, também, que na Europa se reconhece que a dívida brasileira não pode ser paga nas condições em que foi contraída. E também se admite que o próprio mercado já modificou o perfil da dívida, sendo natural que, nas negociações, seja levado em conta o deságio estabelecido por esse mercado. "O importante — disse — é encontrar uma forma realista de negociação, levando em conta também esse deságio e a



Furtado: forma realista

necessidade de uma retomada do crescimento dos países endividados e do comércio exterior dessas nações."

DIFICULDADES

Depois do acordo provisório obtido junto aos credores, o ministro considera indispensável, agora, uma mudança de posição do governo dos Estados Unidos, no sentido de modificar suas regulamentações bancárias, a fim de que os bancos possam incorporar a depreciação de seus ativos, já reconhecida pelo mercado.

"Os governos europeus — afirmou — estão preparados para avançar nessa direção se houver um sinal favorável do lado dos Estados Unidos. Quanto aos bancos europeus, eles também parecem ansiosos de uma normalização da situação brasileira, a fim de retomar suas aplicações."

Além disso, na sua opinião, o que está chamando a atenção de áreas governamentais européias é o comportamento dos EUA, "tentando criar dificuldades suplementares para as exportações brasileiras", embora os pagamentos do serviço da dívida só possam ser efetuados com receitas de exportação.

Ao falar sobre a pouca repercussão da reunião de Acapulco junto aos meios financeiros europeus, Celso Furtado afirmou que, aparentemente, "os europeus ainda não tomaram pé" depois do choque considerável que foi a queda das bolsas. "As enormes reservas de dólares que acumularam financiando o déficit norte-americano — acrescentou — estão se depreciando com a queda dessa moeda".

07/05/87